

Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias

Brain, language and cognitive functioning in the social-historical-cultural approach: inferences from the study of aphasia

Rosana do Carmo Novaes-Pinto

Universidade Estadual de Campinas – Campinas – São Paulo – Brasil



Resumo: Este artigo visa apresentar e discutir, criticamente, (i) os princípios teóricos das abordagens sócio-histórico-culturais que guiam a pesquisa acadêmica no campo da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, mobilizando postulados fundamentais de Vygotsky e Luria, com relação ao funcionamento cerebral, bem como reflexões de Coudry, Franchi e Novaes-Pinto, no que concerne à concepção e funcionamento de *linguagem*; (ii) questões metodológicas relativas às pesquisas qualitativas dos fenômenos afasiológicos, respaldadas pelos trabalhos de Freitas, Damico et al., dentre outros; e, finalmente, (iii) como os estudos de casos e as análises qualitativas contribuem para as pesquisas no âmbito da Neurolinguística, que visam compreender aspectos do funcionamento cognitivo e a relação entre cérebro e linguagem.

Palavras-chave: Cérebro e linguagem; Funcionamento cognitivo; Perspectiva sócio-histórico-cultural; Neurolinguística; afasia

Abstract: This article aims to present and discuss, critically: (i) the theoretical principles of socio-historical-cultural approaches which guide the academic research in the field of enunciative-discursive Neurolinguistics, mobilizing with the main postulates of Vygotsky and Luria, concerning the brain functioning, as well as the reflections carried out by Coudry, Franchi and Novaes-Pinto, related to the conception of language and its functioning; (ii) methodological questions related to the qualitative researches of aphasiological phenomena, guided by the works of Freitas, Damico et al., among others; and, finally, (iii) how case studies and qualitative analysis contribute to the research in the field of Neurolinguistics, in order to understand aspects of cognitive functioning and the relation between brain and language.

Keywords: Brain and language; Cognitive functioning; Socio-historical-cultural perspective; Neurolinguistics; Aphasia

Introdução

Início este texto citando as palavras de Freitas (2010: 8), autora que considera o referencial histórico-cultural como uma *lupa*, “que amplia nosso olhar sobre os diferentes aspectos da realidade, tanto para explicá-la quanto para buscar formas de transformá-la”. Esta abordagem pode ser considerada como *outra forma* de produzir conhecimento em Ciências Humanas, que nos permite focar um fenômeno em seu contexto real (FREITAS, 1995, 2003, 2010) e que justifica, portanto, que seja respeitada como científica. A autora também enfatiza a necessidade de se buscar coerência entre os princípios teóricos que guiam uma pesquisa e o método escolhido,

o que apontamos como um de nossos maiores desafios no estudo das alterações de linguagem nas patologias.

A Neurolinguística, que tem na afasia¹ um de seus mais importantes objetos de estudo – tem sido um campo de confronto – e às vezes de conflito – dos paradigmas das ciências que a constituem: as Neurociências e a Linguística (MORATO, 2002). Apesar de compartilharem muitos de seus objetos de estudo, com ênfase na relação entre cérebro, linguagem e cognição, há ainda muitos

¹ Afasias são alterações de linguagem decorrentes de lesões cerebrais focais, como AVCs (derrames), tumores e TCEs (traumas crânio-encefálicos) e, geralmente, comprometem a linguagem em todas as modalidades: *oral* (produção e compreensão) e *escrita* (leitura e produção). As afasias podem estar ainda associadas a outras alterações cognitivas, como dificuldades de atenção, de percepção e de memória.

obstáculos para um diálogo mais efetivo entre essas áreas. Uma das diferenças que geralmente as colocam em campos opostos é a concepção de *linguagem* subjacente à descrição e explicação dos fenômenos, o que influencia diretamente a metodologia de pesquisa, a avaliação e a conduta terapêutica.

A Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, que vem se desenvolvendo desde os primeiros trabalhos de Coudry (1986/1988), filia-se às abordagens sócio-histórico-culturais no estudo de questões relativas tanto ao funcionamento cerebral, quanto ao funcionamento da linguagem, inspiradas, principalmente, pelos trabalhos de autores como Vygotsky, Luria e Bakhtin. Dentre seus objetos de estudo destacam-se não só alterações de linguagem decorrentes de lesões cerebrais como *afasias*, *demências*, *epilepsias*, mas também os chamados atrasos de desenvolvimento e de aprendizagem, bem como o funcionamento da linguagem “normal”, isto é, fora do âmbito das patologias.

As reflexões apresentadas neste artigo baseiam-se, principalmente, em práticas desenvolvidas com sujeitos afásicos ao longo de quase trinta anos de pesquisa no campo de Neurolinguística no IEL/UNICAMP, iniciadas com os trabalhos de Coudry (1986/1988) e que, por sua vez, respaldam o trabalho realizado no Centro de Convivência de Afásicos (CCA)².

Os objetivos deste artigo, portanto, consistem em apresentar e discutir criticamente (i) os princípios teóricos das abordagens sócio-histórico-culturais que guiam a pesquisa acadêmica da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, mobilizando postulados fundamentais de Vygotsky (1984) e Luria (1976, 1977, 1981), com relação ao funcionamento cerebral, bem como as reflexões de Bakhtin (1997), Coudry (1986/1988) e Franchi (1977), no que concerne à concepção e funcionamento de *linguagem*; (ii) questões relativas às pesquisas qualitativas dos fenômenos afasiológicos, respaldadas pelos trabalhos de Freitas (1995, 2010), Damico et al. (2006), dentre outros; e, finalmente, (iii) como os estudos de casos e as análises qualitativas contribuem para as pesquisas no âmbito da Neurolinguística, visando compreender a relação entre cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo.

1 Princípios teóricos acerca do *cérebro* e da *linguagem* nas abordagens sócio-histórico-culturais

1.1 O *cérebro* como um Sistema Funcional Complexo

A concepção de *cérebro* que orienta os estudos neurolinguísticos na perspectiva sócio-histórico-cultural

é ancorada principalmente nas formulações teóricas de Luria, que o concebe como um “Sistema Funcional Complexo”. Segundo Damasceno (1995: 149) “o modelo luriano de funcionamento neuropsicológico pressupõe um sistema dinâmico, plástico, produto de evolução sócio-histórica e da experiência social do indivíduo, internalizada, sedimentada no cérebro”. Esta concepção enfatiza a natureza subjetiva e social desse funcionamento, ao afirmar que o cérebro é um órgão moldado pelas experiências externas que, por sua vez, transformam o funcionamento cognitivo. Essas afirmações de Luria se respaldam em um princípio postulado por Vygotsky – o de “organização extracortical” – relativo à influência que as atividades sociais e intersubjetivas desempenham na organização neuronal e neurofuncional do cérebro³, que explicitamos a seguir com as palavras de Luria (1981: 31):

higher forms of conscious activity are always based on certain external mechanisms (good examples are the knot which we tie in our handkerchief so as to remember something essential, or a multiplication table which we use for arithmetical operations) - it becomes perfectly clear that these external aids or historically formed devices are essential elements in the establishment of functional connections between individual parts of the brain, and that by their aid, areas of the brain which previously were independent become components of a single functional system. This can be expressed more vividly by saying that historically formed measures for the organization of human behavior tie new knots in the activity of man's brain and it is the presence of these functional knots, or, as some people call them, 'new functional organs' (Leontiev, 1959), that is one of most important features distinguishing the functional organization of the human brain from an animal's brain. It is this principle of construction of functional systems of the human brain that Vygotsky (1960) called the principle of 'extracortical organization of complex mental functions', implying by this somewhat unusual term that all types of human conscious activity are always formed with support of external auxiliary tools or aids.

Em *Pensamento e Linguagem*, Vygotsky (1984)⁴ discutiu, dentre outras questões, a inter-relação entre as

² O CCA (Centro de Convivência de Afásicos), localizado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP) é o espaço onde são desenvolvidas as atividades semanais com os sujeitos afásicos. Foi fundado graças a um convênio firmado em 1989 entre o Departamento de Linguística do IEL e o Departamento de Neurologia da FCM/UNICAMP. O objetivo foi, desde o início, acompanhar pessoas afásicas, na convivência com pessoas não-afásicas, em diversas situações e práticas discursivas de linguagem.

³ Fenômeno também referido na literatura como “influência epigenética”. Este princípio é fundamental para compreendermos, dentre outras coisas, o papel da aprendizagem no desenvolvimento das funções cognitivas complexas.

⁴ O original da obra de Vygotsky data de 1933: A formação social da mente.

funções cognitivas superiores, postulando que aquilo que entendemos por “desenvolvimento” refere-se justamente às mudanças que ocorrem *na estrutura interfuncional* da consciência, isto é, ao fato de que as funções cognitivas vão se tornando cada vez mais complexas e possibilitando aos sujeitos resolverem problemas de naturezas diversas, que lhes permitam transformar os meios/bens culturais a seu favor. Essa é a essência de seu método dialético: a natureza exerce ações sobre o homem e influencia seu comportamento e desenvolvimento, mas o homem também é capaz de agir sobre a natureza e modificá-la.

Segundo Luria, as funções superiores “não estão ‘localizadas’ em áreas circunscritas do cérebro, mas ocorrem por meio da participação de grupos de estruturas cerebrais operando em conjunto, cada uma das quais concorrendo com a sua própria contribuição particular para a organização desse sistema funcional” (LURIA, 1981: 27). Lesões cerebrais podem ocasionar uma desorganização de todo o sistema funcional, mas o trabalho conjunto de todas as áreas possibilita rearranjos neurofuncionais, buscando o restabelecimento ou a reorganização das funções comprometidas, fenômeno conhecido como *princípio da solidariedade*, base de um dos mais relevantes conceitos nas neurociências: o de *plasticidade neuronal*⁵.

A seguir, apresento de forma sintética o modelo proposto por Luria acerca da organização cerebral, com o objetivo de destacar sua complexidade⁶. De acordo com Luria, o cérebro é organizado em cinco grandes regiões: subcorticais, frontais, parietais, occipitais e temporais, organizadas em três “unidades funcionais”, denominadas como “Bloco I”, “Bloco II” e “Bloco III”, que trabalham em conjunto na realização de qualquer atividade mental.

O Bloco I, composto por estruturas que se localizam no subcórtex e no tronco cerebral (hipotálamo, tálamo ótico e sistema de fibras reticulares), tem como função regular o tônus cortical, a vigília e a seleção dos estímulos. Seu funcionamento íntegro é pré-requisito para o trabalho cerebral e mental, aumentando ou diminuindo o nível do tônus, a depender da atividade realizada pelo sujeito (planejada pelo Bloco III). As estruturas do Bloco I estão sujeitas também à sua própria influência reguladora.

O Bloco II, formado pelos lóbulos occipital, temporal e parietal, é composto por estruturas das regiões laterais

do neocórtex, sobre a superfície convexa dos hemisférios, ocupando a região posterior dessas superfícies laterais. Sua função consiste na recepção, síntese e registro das informações advindas do ambiente externo. A organização desse sistema se dá em três áreas: i) *primárias*, cuja função é distinguir os estímulos visuais, auditivos e táteis; ii) *secundárias*, que têm função de síntese da informação sensorial recebida da área primária e iii) *terciárias*, situadas na fronteira entre os córtices occipital, temporal e pós-central. A maior parte das regiões terciárias é formada pela região parietal inferior e representa o nível mais complexo de funcionamento do Bloco II, responsável pela síntese intermodal, o que possibilita que informações qualitativamente diferentes sejam simultaneamente integradas. Segundo Luria, as estruturas do Bloco II: “são responsáveis pelo funcionamento coordenado dos vários analisadores e pela produção de esquemas supramodais (simbólicos), a base de formas complexas de atividade gnóstica” (LURIA, 1981: 60).

O Bloco III é composto por estruturas das regiões laterais do neocórtex sobre a superfície convexa dos hemisférios, ocupando a região anterior do cérebro, que consiste dos lóbulos frontais. Segundo Luria, esta unidade é responsável pela programação, regulação e verificação das atividades cerebrais. Caracteriza-se por complexas conexões recíprocas, tanto verticalmente – com os níveis inferiores do cérebro – como horizontalmente, com o resto do córtex. Divide-se também em três áreas: *primárias*, *secundárias* e *terciárias*, porém em ordem hierárquica inversa ao Bloco II. No Bloco III os processos se iniciam nas áreas terciárias, que planejam informações necessárias para a execução da ação e verifica sua eficácia. Pode ser considerada como o mecanismo regulador mais complexo do cérebro, essencial para a atividade reflexiva, pois possui um rico sistema de conexões diretas com o Bloco I e demais regiões corticais. A área secundária, com base nas informações recebidas da área terciária, prepara programas de ação. Segundo Luria, compõe a “melodia cinética” do movimento, gerando condições para o funcionamento do aparelho motor. A área primária, de natureza projetiva, recebe informações das áreas secundárias e as envia para o mecanismo neuromuscular, para a realização do movimento. Luria sintetiza as funções do Bloco III, dizendo que:

o homem não somente reage passivamente a informações que chegam a ele, como também cria *intencções*, forma *planos* e *programas* para as suas ações, inspeciona a sua realização e regula o seu comportamento de modo a que ele se conforme a esses planos e programas; finalmente, o homem *verifica* a sua atividade consciente, comparando os efeitos de suas ações com as intencções originais e corrigindo quaisquer erros que ele tenha cometido (LURIA, 1981, p. 60).

⁵ Segundo Annunziato (1995), durante muito tempo persistiu a ideia de que o Sistema Nervoso, após uma lesão, não seria capaz de modificar-se ou recuperar-se. Por meio de modernas técnicas de imagens, atualmente é possível observar fenômenos plástico-regenerativos, envolvendo “neurônios intactos do sistema funcional afetado ou mesmo neurônios de outros sistemas” (ANNUNZIATO, 1995: 72), mecanismos que ocorrem com a função de diminuir os efeitos das lesões.

⁶ A síntese apresentada é baseada no trabalho de Novaes-Pinto (2011): *Linguagem e subjetividade: reflexões à luz da Neurolinguística Discursiva*. Capítulo de livro, no prelo. Texto apresentado no VI CIEL – Ponta Grossa – PR, 2011.

Apesar de todo o conhecimento acumulado sobre o funcionamento cerebral, ainda é comum encontrar nas pesquisas científicas alguns paradigmas que, para explicá-lo, o comparam a uma máquina. A esse respeito, Sacks (1995) afirma que “nossa concepção do sistema nervoso como uma espécie de máquina ou computador é radicalmente inadequada e precisa ser suplementada por conceitos mais dinâmicos, mais vivos”. Essa crítica é ainda mais contundente nas palavras de Mecacci (1984): “Há um *outro* cérebro que a ciência não estuda, ou só considera marginalmente. É, em primeiro lugar, o cérebro de cada indivíduo, cada um diferente do outro; e, depois, o cérebro de indivíduos pertencentes a culturas diferentes. [...] Estuda-se um cérebro *normal* que, na realidade, não existe” (NOVAES-PINTO, 2011).

Kotik-Friedgut (2006), estudiosa de Vygotsky e Luria, enfatiza que para ambos os autores a cultura tem influência considerável não só no desenvolvimento e funcionamento das funções superiores, mas também do próprio cérebro. Como exemplo, cita o papel da aquisição da escrita e do letramento que se refletem, segundo ela, em todas as esferas do funcionamento cognitivo. Conforme habilidades de leitura são adquiridas, novas conexões funcionais emergem e desenvolvem as associações entre as zonas temporal e occipital do cérebro. Durante a aprendizagem da escrita, as zonas sensório-motoras (parietais) se tornam envolvidas e conectadas às auditivas-visuais, assim contribuindo para a maturação e desenvolvimento de conexões parieto-occipitais, tão importantes para as sínteses simultâneas das funções cognitivas complexas (LURIA, 1981). Esses processos levam ao desenvolvimento e estabelecimento de novos sistemas de conexões funcionais entre diferentes regiões cerebrais que desempenham atividades específicas e este modo de funcionar passa a se constituir como um instrumento poderoso para os processos de aprendizagem/desenvolvimento, abrindo novos caminhos para a solução de problemas em diferentes domínios.

1.2 A linguagem como atividade constitutiva do sujeito e comomediador dos processos cognitivos complexos

Para Vygotsky, a linguagem é a mais importante função mediadora e constitutiva/transformadora dos processos cognitivos superiores. Baseado nos postulados deste autor e nos estudos de Jakobson (1954) sobre as afasias, Luria reafirma este princípio e busca descrever o funcionamento das estruturas linguísticas, o que influencia diretamente sua semiologia das afasias (KAGAN e SAILING, 1997; NOVAES-PINTO e SANTANA, 2009a, 2009b). O autor critica o fato de que as abordagens das afasias, até então (referindo-se à década de 70), não diferiam

significativamente daquelas descritas pelos neurologistas clássicos do século XIX. Segundo ele, as visões básicas de Broca e de Wernicke permanecem imutáveis e, embora ninguém mais leve a sério a ideia de *centros* isolados para as funções mentais superiores, nenhuma tentativa real foi feita para revisar esses postulados da neurologia clássica (LURIA, 1977: 67).

A Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva nasce, em meados da década de 80, justamente para se contrapor a um discurso que chamamos de “tradicional” no campo das patologias, que privilegia as dicotomias e cujas reflexões não incluem as teorias linguísticas (COUDRY, 1986/1988). Quando estas estão presentes, em geral se restringem à aplicação de modelos estruturalistas ou gerativistas, que não foram formulados para dar conta do uso efetivo da linguagem ou da relação do sujeito com a língua, nem para explicar questões relativas ao seu funcionamento nas patologias (COUDRY, 1986/1988; NOVAES-PINTO, 1999; NOVAES-PINTO e SANTANA, 2009a, e 2009b). A complexidade da linguagem é geralmente reduzida à análise das estruturas da língua (aspectos fonético/fonológicos, sintáticos, lexicais), dando origem não só aos protocolos de avaliação de natureza exclusivamente metalinguística, mas também aos manuais terapêuticos centrados em tarefas e exercícios descontextualizados, como a leitura/repetição/produção de unidades abstratas da língua (sons, sílabas, listas de palavras e sentenças), pautadas por uma concepção de língua como sistema estático, como código, apartado das condições de produção e das atividades reais dos sujeitos. Para a Neurolinguística enunciativo-discursiva (também referida como Neurolinguística Discursiva, mais recentemente) têm fundamental relevância os conceitos de *sujeito*, de *processos dialógicos*, de *processos de significação* e de *interação*, dentre outros, que compõem a concepção de linguagem que orienta a formulação de princípios teóricos e metodológicos. Um dos autores do campo da Linguística, tomado como referência para essa Neurolinguística é Franchi (1977/92:31), do qual citamos a clássica formulação:

Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos “cortes” metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal salvo o processo – a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou um resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’ que, ao mesmo tempo, constitui o simbólico mediante o qual se opera com a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo, em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias.

A partir das reflexões do autor, Coudry (1988: 56) afirma que: “(...) a linguagem não se usa senão em situações concretas e em relação a determinados estados de fato”. Segundo esta formulação, “é na própria linguagem que se selecionam as coordenadas (dêiticas) que orientam a interpretação para determinados aspectos da situação discursiva” e, dessa forma, constitui-se como um suporte para as relações pragmáticas da linguagem que “se estendem para além do estritamente dito”.

Compreendendo a linguagem como o resultado de um trabalho coletivo e histórico, Franchi (1977) reafirma a sua *indeterminação radical*. Incorporando citações do autor, Coudry (ibid: 57) afirma que:

Do ponto de vista sintático, essa indeterminação é caracterizada pelo fato de que ‘nenhum enunciado tem em si condições necessárias e suficientes para permitir uma interpretação unívoca’. Isto significa, em linhas gerais, que a língua dispõe de múltiplos recursos expressivos que, associados a fatores como contexto, a situação, a relação entre os interlocutores, as leis conversacionais, etc. fornecerão condições de determinação de um dado enunciado. Por outro lado, o fato de que os sistemas de referência são culturais e dependentes da experiência, fazem postular a indeterminação semântica; de fato ‘as expressões das línguas naturais não tomam nunca um domínio de interpretação uno e semanticamente coerente’ na medida em que a linguagem não é somente uma linguagem do mundo ‘real’ e atual, mas permite uma constante revisão das categorias para falar-se de outros universos possíveis.

Baseando-se nas colocações de Franchi (1977) e nos trabalhos de Benveniste (1970), Coudry afirma que por ser a língua *indeterminada* é que se garante um espaço para a *atividade do sujeito*. Se fosse determinada, a cada nova ocorrência, pela simples combinação de elementos linguísticos, mediante regras necessárias, seu autor seria, de fato, o *falante*, não o sujeito.

Bakhtin (1997), autor que confere ao sujeito um papel fundamental na produção dos *enunciados* (as unidades reais da comunicação verbal), apresenta uma solução dialética para a questão: o sujeito seleciona, dentre os recursos da língua (fonético-fonológicos, lexicais, sintáticos) aqueles que vão compor o enunciado. Não se trata, portanto, de um sujeito *fonte dos sentidos*, nem do sujeito *assujeitado*. Sobral (2005: 22) sintetiza a concepção bakhtiniana, que reproduzimos abaixo, postulando a noção de *sujeito situado*:

A ênfase no aspecto ativo do sujeito e no caráter relacional de sua construção como sujeito, bem como na construção “negociada” do sentido, leva Bakhtin a recusar tanto um sujeito infenso à sua inserção social,

sobreposto ao social, como um sujeito submetido ao ambiente sócio-histórico, tanto um sujeito fonte do sentido quanto um sujeito assujeitado. A proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido.

Tendo apresentado sinteticamente as concepções de *cérebro* e de *linguagem* que fundamentam as abordagens sócio-histórico-culturais da pesquisa em Neurolinguística, passamos a apresentar questões relativas aos princípios metodológicos, explicitando nossa opção pelas pesquisas qualitativas dos fenômenos afasiológicos.

2 Pesquisas qualitativas de fenômenos que envolvem a linguagem nas afasias

Science is built on similarities, not differences and we needed to discover common grounds between traditions before our contributions could be accepted at face value. (KEARNS, 1999: 650)

De acordo com Damico et al. (1999a), desde o tempo de Jackson (no final do século XIX), pesquisadores têm empregado vários métodos sistemáticos para obter dados numéricos (quantitativos) e descritivos (qualitativos) com o objetivo de melhor compreender as afasias. Os autores acreditam que têm aumentado os esforços para se considerar também os efeitos sociais das lesões neurológicas, com o emprego de pesquisas qualitativas que privilegiam dados mais naturalísticos, autênticos e funcionais sobre as afasias. Esclarecem, ainda, que, sob o rótulo de “pesquisa qualitativa”, há um vasto leque de procedimentos de investigação: estudo bibliográfico, estudo de caso, análise da conversação, etnografia, metodologia histórica, dentre outros, que se utilizam de diversos tipos de estratégias de coleta de dados (observação, realização de entrevistas, análise de textos, etc.). As pesquisas qualitativas podem ser vistas, assim, como um feixe de práticas sistemáticas e interpretativas planejadas para responder a perguntas que se interessam por *processos: como* as ações e as experiências sociais são criadas e mantidas. Trata-se de um paradigma complexo, com uma história longa e bem-estabelecida. A Sociologia e a Antropologia, por exemplo, desenvolvem pesquisas qualitativas desde as primeiras décadas do século XX para estudar a complexidade das culturas, sociedades e diádes interacionais. Os autores afirmam que “muito do que sabemos e aplicamos relativamente a fenômenos sociais complexos como linguagem e desenvolvimento cognitivo se deve, primordialmente, aos métodos qualitativos de pesquisas” (DAMICO et al., 1999a: 652).

As discussões realizadas neste artigo, com relação às questões metodológicas, são fortemente influenciadas pelos trabalhos de linguistas e educadores brasileiros que desenvolveram análises críticas nesses dois campos de investigação (Linguística e Educação), dentre os quais mencionamos Corrêa (1996), Perroni, (1996), Góes (2000) e Freitas (1995, 2010). No campo específico da afasiologia, recorremos a um conjunto de artigos publicados por Damico et al. (1999a, 1999b), Simmons-Mackie e Damico (1999), Kearns (1999), Lyon (1999) e a outros publicados na área de Neurolinguística de orientação discursiva (COUDRY, 1986/1988, NOVAES-PINTO, 1999, 2009a, 2009b).

Em geral, as pesquisas qualitativas são criticadas por aqueles que acreditam que qualquer estudo científico deva ser pautado pelo critério da objetividade. A esse respeito, Freitas (2010:24) afirma que nas Ciências Naturais o pesquisador se depara com um objeto silencioso do mundo, que ele precisa contemplar, a fim de compreender. O pesquisador estuda esse objeto e, depois, fala sobre ele. Nas Ciências Humanas, entretanto, o objeto de estudo é o *homem*. Neste caso, o pesquisador não pode se limitar a um ato contemplativo; ele precisa *falar com ele, estabelecer com ele um diálogo*. A relação tradicional *sujeito-objeto* se torna uma relação *entre sujeitos* nos estudos qualitativos.

Perroni (1996) acredita que a metodologia experimental, quando aplicada a fenômenos humanos, é a que mais facilmente cai na ilusão da objetividade. Muitos pesquisadores se voltam para o método experimental porque alegam vantagens para obter informações que conseguiriam apenas pela observação. Além disso, há a possibilidade de replicar um experimento para um grande número de sujeitos, o que permite verificação estatística e, posteriormente, a generalização de um conceito ou de um processo. Corrêa (1996) afirma, a esse respeito, que dados gerados em contextos experimentais não podem ser generalizados para outros sujeitos ou situações porque as variáveis em um teste controlado interagem com outras variáveis controladas em uma situação geralmente *não-controlada*. Isso leva a autora a crer que os resultados obtidos em estudos experimentais não sejam inquestionáveis.

Adotar uma metodologia qualitativa, de acordo com Freitas (2010), é uma demanda natural imposta pelas abordagens socioculturais a qualquer tipo de fenômeno que interesse às Ciências Humanas, em todos os campos que se interessam em compreender *como* as coisas acontecem, em vez de apenas constatar que *acontecem*. Segundo ela, muitos pesquisadores reafirmam teoricamente a filiação às abordagens socioculturais, mas adotam análises quantitativas para lidar com os dados, com a justificativa de dar à pesquisa um status científico, o que a autora vê, na maioria dos casos, como uma contradição.

Seguindo os princípios metodológicos de Vygotsky, que têm como objetivo entender as dinâmicas dos processos (o que se torna possível buscando sua gênese e observando seu desenvolvimento), Góes (2000) assume que o paradigma microgenético é o mais apropriado para dar conta dos dados que emergem nas interações reais entre indivíduos situados sociocultural e historicamente. A autora explica que o paradigma não é chamado *microgenético* porque se refere à curta duração dos eventos, mas porque é orientado para os detalhes indiciais. É genético no sentido de ser histórico, focando os movimentos que ocorrem durante os processos e porque busca relacionar eventos singulares com outros planos da cultura, com as práticas sociais, com os discursos circulantes, com os espaços institucionais etc. A análise microgenética requer atenção aos detalhes das ações nos episódios interativos e cenários socioculturais, resultando em um rico relato de eventos. Como veremos no próximo tópico, esta metodologia guia a análise dos dados que emergem nas interações entre afásicos e não-afásicos nas pesquisas que realizamos.

Outro aspecto relevante da pesquisa qualitativa é a opção por estudos de casos, que têm ajudado a construir e solidificar as teorias linguísticas nas afasias. Miceli (2001: 658) enfatiza a contribuição dada por estudos de casos à pesquisa neuropsicológica, quando afirma que: “muito do progresso teórico na Neurologia e na Neuropsicologia das afasias resulta dos estudos detalhados de casos individuais de sujeitos afásicos”. Segundo ele, os estudos de casos se constituem como “a powerful heuristic tool in cognitive Neurology/Neuropsychology, and with time they have provided an impressive body of evidence, demonstrating the complex architecture of the linguistic system”.

Kearns (1999) acredita que os estudos de casos sejam, hoje, amplamente aceitos na comunidade científica como instrumento legítimo para investigar questões clinicamente relevantes sobre a afasia. Com esses estudos, aprendemos a discutir nossos métodos e dados dentro de parâmetros científicos conhecidos. O autor enfatiza que não foi fácil fazer outros cientistas compreenderem, aceitarem e respeitarem nossos métodos e resultados, que diferem daqueles obtidos em condições experimentais, com grupos de sujeitos.

Damico et al. (1999a) também consideram a *introspecção* (as intuições do investigador e sua experiência com o objeto ou evento sendo investigado) como uma poderosa fonte de dados. A qualidade da pesquisa, segundo eles, se pauta pelo conhecimento, pela habilidade, prática, sensibilidade e integridade do investigador. Em suas palavras: “in the hands of a responsible, knowledgeable scientist, ethnography provides the potential to enhance our information base and to expand our understanding of aphasia”. Os autores (1999a: 687) acreditam que,

embora relativamente nova para estudar os distúrbios da comunicação, a etnografia provê uma metodologia interessante para a afasiologia, uma vez que nos ajuda a compreender os fenômenos do ponto de vista dos afásicos e de seus familiares e amigos. Outro aspecto importante é que a pesquisa se desdobra à medida que os dados são coletados e analisados, resultando em um processo flexível e cíclico. Segundo eles, “the investigator collects, analyzes and verifies data, identifies phenomena of interest, then continues to collect and analyze data to progressively narrow the investigation and hone in on phenomena of interest.” Eventos ou comportamentos repetidos ou singulares indicam aspectos relevantes para afunilar a investigação. Cada evento inesperado é como uma janela para o fenômeno estudado e pode iluminar aquilo que o investigador procura.

Segundo Simmons-Mackie e Damico (1999), o resultado de uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, é, inevitavelmente, uma *narrativa* que descreve e explica o fenômeno estudado, um evento ou comportamento. Isso justifica, segundo eles, a dificuldade para se extrair conceitos-chaves ou condensar os achados das pesquisas qualitativas em artigos ou apresentações breves. Para convencer o leitor de um argumento, torna-se necessário recheiar as narrativas com exemplos representativos, “que soprem vida na estória e enriqueçam a descrição”. A pesquisa qualitativa, ao contrário do que possa parecer, demanda controle rigoroso e verificação frequente; consiste de um processo contínuo, com o objetivo de procurar casos que desafiem os achados e outros que os corroborem. Os resultados não são simplesmente observações interessantes; “they are carefully verified cumulative outcomes negotiated across multiple sources and perspectives” (SIMMONS-MACKIE e DAMICO, 1999: 685).

Freitas também entende que os textos da pesquisa qualitativa sejam narrativas, produzidas por sujeitos historicamente situados, em interação com seus ambientes sócio-culturais e que carregam uma determinada visão de mundo, bem como um sistema particular de valores. A pesquisa é uma relação entre sujeitos e, portanto, dialógica. A narrativa do pesquisador não pode emudecer o indivíduo pesquisado; ao contrário, deve restituir as condições de enunciação e circulação que tornam possíveis as múltiplas possibilidades de significação.

Como já foi mencionado, Damico et al. (1999b) enfatizam a importância de investigar a afasia e seus impactos nas ações sociais e comunicativas dos indivíduos, pois a ausência do sucesso conversacional é um fator determinante de estigma social. Além dos limites e do impacto das afasias na linguagem, os sujeitos passam a ser vítimas também da ignorância e do preconceito de familiares, amigos, colegas de trabalho e até mesmo

de profissionais da saúde. Geralmente, os afásicos são afastados de suas atividades profissionais e sociais, muitas vezes em fases ainda muito produtivas de suas vidas. Além de uma questão de saúde, portanto, a afasia pode ser compreendida como uma questão social (MORATO, 2002; NOVAES-PINTO, 2009).

Damico et al. (1999b: 670) discutem também como a análise da conversação pode ser mobilizada como método para analisar as habilidades conversacionais de indivíduos com afasias, considerando o que acontece em díades sociais autênticas. Estudos têm mostrado a importância da colaboração nas interações conversacionais que incluem um sujeito com afasia e outro sem afasia. Os problemas, em geral, são superados pelos interlocutores nas situações dialógicas e os afásicos desenvolvem estratégias adaptativas, guiadas pelos princípios de organização sequencial da conversação. São encorajados a fazer autocorrekções – e frequentemente o fazem – o que torna evidência que eles têm uma competência comunicativa preservada (DAMICO et al., 1999b: 673). Como veremos a seguir, essa competência comunicativa é bastante explorada nas atividades realizadas com os sujeitos afásicos no CCA, para que consigam driblar suas dificuldades e desenvolver recursos alternativos de significação.

3 Contribuição dos estudos de casos e das análises qualitativas para o estudo da relação entre cérebro, linguagem e processos cognitivos

Para fechar este artigo, julgamos importante ilustrar como análises qualitativas e microgenéticas, abordadas no item anterior, nos ajudam a compreender fenômenos linguístico-cognitivos nas afasias. Nossos dados emergem de situações dialógicas travadas entre sujeitos afásicos e não-afásicos que frequentam o CCA (Centro de Convivência de Afásicos)⁷, em sessões coletivas ou individuais. Nessas sessões, que ocorrem semanalmente, os sujeitos são imersos em atividades que chamamos de *uso efetivo da linguagem*. Nas sessões coletivas, além de conversarmos sobre as rotinas dos sujeitos – o que fizeram durante a semana, as notícias da família, sobre suas dificuldades, dentre outros, discutimos fatos noticiados pelos jornais e TV, relativos aos mais diversos temas: esportes, economia, ciência, meio-ambiente, novelas, etc. O trabalho visa o desenvolvimento de estratégias alternativas (verbais e não-verbais) de comunicação (escrita, gestos, desenhos, o apoio nos enunciados dos interlocutores, dentre outras). Trata-se de um trabalho alternativo à clínica tradicional de linguagem com

⁷ Atualmente, há três grupos em funcionamento no CCA. O Grupo III é coordenado por mim, desde 2006.

afásicos (geralmente centrada em *treinos* motores de sons e palavras, descontextualizados do uso social). As práticas efetivas de linguagem, em contextos sociais significativos, nos mais diversos gêneros discursivos, norteiam também os atendimentos individuais.

Selecionamos, para este artigo, dados de sujeitos com diferentes formas de afasia, cujos enunciados são analisados em busca de minúcias indiciais (VYGOTSKY, 1984; GÓES, 2000) que possam revelar tanto os impactos da afasia sobre o sistema linguístico, quanto as estratégias adaptativas desenvolvidas pelos sujeitos para driblar suas dificuldades.

O primeiro caso se refere a um episódio dialógico com o sujeito OJ que apresenta uma afasia caracterizada na literatura tradicional como *agramatismo*, com enunciados predominantemente *telegráficos*. Apesar das dificuldades, entretanto, OJ revela tanto uma competência pragmática quanto uma competência gramatical, pois consegue organizar os poucos recursos linguísticos de que dispõe, explorando a ordem dos elementos lexicais, aliando-os ao uso de recursos gestuais e apoiando-se nos enunciados de sua interlocutora (Irn). O dado a seguir refere-se ao momento em que OJ foi solicitado a contar ao grupo um fato ocorrido durante as férias, em 2007, quando sofreu um enfarte.

- OJ: *Janeiro. Catorze. Seis horas.*
 Irn: Seis da manhã ou da tarde?
 OJ: *Tarde.*
 Irn: E aí, o que aconteceu?
 OJ: *Dor. Dor. Muita dor!*
 Irn: Dor onde?
 OJ: *Peito. Frio. Muito frio. Hospital. São Sebastião do Paraíso.*
 Irn: Quem te socorreu?
 OJ: *Maria José.*
 (*Mostra cicatriz no braço e no peito*)
 Irn: E aí? Precizou fazer cirurgia?
 OJ: *Amanhã. Ribeirão Preto.*
 Irn: Ah, no dia seguinte, foi para o Hospital em Ribeirão.
 OJ: *Isso.*

São evidentes, no episódio acima, as dificuldades de OJ com a produção de verbos e com a seleção lexical, por exemplo. Observamos que ele seleciona apenas palavras de classes abertas, predominantemente substantivos e não usa conectores (preposições ou conjunções). A significação se dá numa relação de complementaridade com a interlocutora Irn. É interessante observar como ele se utiliza adequadamente, por exemplo, de *amanhã*, para encadear a narrativa, significando *no dia seguinte*, tendo sido imediatamente compreendido. Para marcar aspectos temporais, OJ repete os advérbios. Para falar de algo que

aconteceu antes do derrame, há bastante tempo, ele diz “*antes antes...*”. Se foi muito tempo antes, diz “*antes antes antes*”. Faz um gesto com a mão para trás, sobre o ombro esquerdo, indicando que o tempo já passou. O mesmo ocorre com “*depois*”, utilizando-se de gesto circular, para frente, com o dedo indicador. Para referir-se ao presente, utiliza “*agora*” (NOVAES-PINTO e SANTANA, 2009a). A competência dos sujeitos tradicionalmente chamados de “*agramáticos*” para selecionarem os recursos lexicais e combiná-los em uma ordem levou Kolk et al. (1985) a sugerirem que se trata, de fato, de um “*supergramático*”.

Outro dado com o mesmo sujeito (OJ)⁸ também permite, por meio de uma análise indicial, compreender uma de suas maiores dificuldades: a de nomear objetos, tanto em atividades metalingüísticas como em episódios dialógicos. Com o objetivo de avaliar essa dificuldade, mostramos para OJ a figura de uma pirâmide⁹. OJ não conseguiu nomear a figura, mas, após um tempo, disse “*Eu, São Sebastião do Paraíso; você?*”. Recorrendo a conhecimentos compartilhados, pois ele sabia que a investigadora morava em *Piracicaba*, fez a pergunta adequada, de modo que a única resposta possível fosse “*Piracicaba*”. Utilizou-se de outro cenário enunciativo para indicar que sabia o *nome do objeto* que não conseguia nomear (pirâmide). A relação é evidente – ambas têm as duas primeiras sílabas idênticas. Trata-se, a nosso ver, de um dado singular, que revela que a imagem acústica da palavra está preservada e que a alteração estaria comprometendo outros aspectos no processo de produção do nome.

Um último dado, neste caso de uma afasia considerada fluente, de natureza jargonafásica¹⁰, ilustra as dificuldades de seleção e combinação de elementos linguísticos (JAKOBSON, 1954) e põe em cheque algumas das afirmações feitas na literatura tradicional sobre o fenômeno. Trata-se da interação de EV com a fonoaudióloga Isk.

- Isk: que que houve?
 EV: *tô muito triste, não arronjárdago, to meu vá, muito merrar só melhávada girre damedárre e ficando ma ve dano sacorro tute marrom de masson, muito tista.*
 Isk: a senhora tá sentindo muito sozinha...

⁸ Este dado foi apresentado e analisado no 59º Seminário do GEL (2011) e no ISCAR/Rome (2011) e compõe as análises de um capítulo de Novaes-Pinto (2011), a sair, intitulado: A social-cultural approach to aphasia: contributions from the work developed in a Center for Aphasic Subjects.

⁹ A figura compõe a Bateria de Nomeação de Boston, de Goodglass & Kaplan (1986).

¹⁰ A jargonafasia é caracterizada nos estudos tradicionais como o caso mais severo de afasia posterior.

EV: *faze nave, num tem mai **dumilhade** do que ai tem **medjogo...** finale non.*

Isk: hum...

EV: *num deixa eu sair eu tem medo domogaze.*

Isk: a senhora fica...

EV: *[eu quero **morrar no terraõ minha caseba** **morrava lá no merrar da cidade era mia cola** lá.*

Isk: sua casa...

(...) //corte no dado//

EV: *[eu gosto*

Isk: acostumada no seu cantinho...

EV: *depois, assim não seja mais, **arrejo** mais, não **renar**, não **poge não rorer mair** então, tudo que eu tirava na vida gostava ler dormir **delhar** meus **relava** di noite, gostar **renadas** e dorme **domingada** **ilhó**, não posso **nava**, **tejo aguas** e a ...*

De acordo com Novaes-Pinto (1999) e Novaes-Pinto e Santana (2009a), os enunciados de EV evidenciam dificuldades com o sistema da língua – de seleção e de combinação de elementos fonético/fonológicos e morfemáticos – gerando enunciados muitas vezes ininteligíveis, como os que estão destacados no dado em negrito, denominados *neologismos*. Dificuldades de compreensão são recorrentes neste tipo de afasia. Alguns autores dizem que o afásico está “incanalizável”, pois não consegue engajar-se em tarefas de nomeação, repetição, leitura, ditado, cópia, dentre outras. Isso de fato ocorre em avaliações metalingüísticas, mas não é o que se pode dizer com relação aos episódios dialógicos. Observa-se, no dado acima, que EV respeita os turnos conversacionais, mantém-se como interlocutora e adere ao tópico discursivo. Se analisarmos a estrutura dos neologismos, em relação ao resto dos enunciados e aos contextos de produção, podemos reconhecer muitas palavras e inferir sobre o que ela está falando. No último enunciado de EV: “*depois, assim não seja mais (...)*”, por exemplo, fica evidente que ela está comparando sua vida atual com aquela que tinha antes de ser tirada de sua casa, mostrando sua tristeza e desconforto com a atual situação.

Uma última consideração que gostaríamos de fazer, antes de encerrar este artigo, diz respeito a uma questão fundamental que envolve a opção pela metodologia qualitativa no estudo das afasias, sintetizado nas palavras de Lyon (1999: 689): “clinical constructions and solutions will not endure – no matter how good, valid or accurate – unless the living of life is measurably and decisively better for those who we treat”.

O autor propõe, com relação ao trabalho com os sujeitos afásicos, o que considera ser uma mudança dramática do foco tradicional: “moving from prescriptive, therapist-directed language remediation to co-facilitated,

interactive services in natural settings that empower patients and families to find their own routes, resources and solutions toward productive and enjoyable lifestyles”. Ele enfatiza que nós devemos fazer isso com eficiência e com a certeza de que nossos esforços são essenciais para restaurar a harmonia na vida dos sujeitos afásicos.

Referências

- ANNUNCIATO, Nelson. Plasticidade Neuronal e Reabilitação. In: *Temas em Neuropsicologia e Neurolinguística*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (SBNp), 1995. v. 4.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENVENISTE, Emile. L'appareil Formel de l'Enonciation. In: *Langages*, v. 17, p. 13-18, 1970.
- CÔRREA, Leticia. Dificuldades e potencialidades do método experimental no estudo da aquisição da linguagem. In: CASTRO, M.F. *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas, Editora da Unicamp, 1986. p. 31-54.
- COUDRY, Maria Irma. *Diário de Narciso: afasia e discurso*. São Paulo: Martins Fontes, Brazil, 1988.
- DAMASCENO, Benito. Neuropsicologia da atividade discursiva e seus distúrbios. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 147-157, 1990.
- DAMICO, Jack; SIMMONS-MACKIE, Nina; OELSCHLAEGER, Mary, ELMAN, Roberta; ARMSTRONG, Elisabeth. Qualitative methods in aphasia research: basic issues. *Aphasiology*, v. 13, n. 9-11, p. 651-665, 1999a.
- DAMICO, Jack; OELSCHLAEGER, Mary; SIMMONS-MACKIE, Nina. Qualitative methods in aphasia research: conversation analysis. *Aphasiology*, v. 13, n. 9-11, p. 667-679, 1999a.
- FRANCHI, Carlos. *Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem*. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1970. [inédita].
- FREITAS, Maria Tereza. Vygotsky & Bakhtin. In: *Psicologia e Educação: um intertexto*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- FREITAS, Maria Tereza. A perspectiva sócio-histórico: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M.F.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (Org.). *Ciências humanas e pesquisa. Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 57-76.
- FREITAS, MariaTereza. No fluxo dos enunciados, um convite à pesquisa. In: FREITAS, M.T.; RAMOS, B. *Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.
- GÓES, Maria Cecília. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. In: *Cadernos Cedex*, ano XX, v. 50, p. 9-25, 2000.
- GOODGLASS, H.; KAPLAN, J. *Evaluación de la afasia y de transtornos relacionados*. (Adaptação José E. García-Albea & M.L. Sánchez Bernardos). Madrid: Editorial Medica Panamericana, 1986. [Título original: *The assessment of Aphasia and Related disorders*].

- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1954.
- KAGAN, Aura; SALING, Michael. *Uma introdução à afasiologia de Luria: Teoria e aplicação*. São Paulo: Artes Médicas, 1997.
- KEARNS, Kevin. Qualitative research methods in aphasia: a welcome addition. In: *Aphasiology*, v. 13, n. 9-11, p. 649-650, 1999.
- KOLK, Herman; VAN GRUNSVEN, M.; KEISER, A. On parallelism between production and comprehension in agrammatism. In: KEAN, M. (Ed.). New York: New York Academic Press, 1985.
- KOTIK-FRIEDGUT, Bella. Development of the Lurian Approach: A cultural Neurolinguistic Perspective. *Neuropsychology Review*, v. 16, n. 1, p. 43-52, Mar. 2006.
- LURIA, Alexander. *Cognitive Development: its cultural and social foundations*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1976.
- LURIA, Alexander. *Neuropsychological studies in aphasia*. Amsterdam: Sweets & Zeitlinger Ed., 1977.
- LURIA, Alexander. *The working brain*. London: Penguin Books, 1981.
- LURIA, Alexander. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- LYON, Jon. A commentary on qualitative research in aphasia. In: *Aphasiology*, v. 13, n. 9-11, 1999.
- MECACCI, Luciano. *Conhecendo o cérebro*. São Paulo: Nobel/ Instituto Italiano di Cultura di São Paulo, 1984.
- MICELI, Gabriele. Disorders of Single Word Processing. *Journal of Neurology*, n. 248, p. 658-664, 2001.
- MORATO, Edwiges. Neurolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002.
- NOVAES-PINTO, Rosana. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, SP, 1999. (Inédita).
- NOVAES-PINTO, Rosana. Preconceito linguístico e exclusão social na normalidade e nas chamadas patologias da linguagem. In: *Averso do Averso: Revista de Educação e Cultura*, Fundação Educacional de Araçatuba, SP, v. 5, n. 5, p. 8-36, 2009.
- NOVAES-PINTO, Rosana. Desafios metodológicos da pesquisa em Neurolinguística no início do século XXI. In: *Revista Estudos Linguísticos*, v. 40, 2011.
- NOVAES-PINTO, Rosana; SANTANA, Ana Paula. Semiologia das afasias: implicações para a clínica fonoaudiológica. In: *Perspectivas na clínica das afasias: o sujeito e o discurso*. São Paulo: Livraria Ed. Santos, 2009a.
- NOVAES-PINTO, Rosana; SANTANA, Ana Paula. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 413-421, 2009b.
- PERRONI, Maria Cecília. O que é o dado em aquisição da linguagem? In: CASTRO, M. F. *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1986. p. 15-30.
- SACKS, Oliver. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SIMMONS-MACKIE, Nina; DAMICO, Jack. Qualitative methods in aphasia research: ethnography. *Aphasiology*, v. 13, n. 9-11, p. 681-687, 1999.
- SOBRAL, Adail. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Recebido: 17 de outubro de 2011

Aprovado: 25 de novembro de 2011

Contato: ronovaes@terra.com.br